

RUA JOAQUIM ULYSSES SARMENTO

Lei nº 1346 de 14-09-1955

Projeto de lei de autoria do vereador Dr. Pedro de Magalhães Junior

Formada pela rua 4 do Jardim Aurélia

Início na rua Da. Conchêta Padula

Término na avenida Nossa Senhora da Consolação

Jardim Aurélia

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal Dr. Antonio Mendonça de Barros.

JOAQUIM ULYSSES SARMENTO

O major Joaquim Ulysses Sarmento nasceu em Mogi Mirim, a 22-11-1860 e faleceu em Campinas, a 28-09-1938. Foi intensa a atividade de Joaquim Ulysses, carinhosamente chamado de Major Joaquim Ulysses. De sua terra natal passou para São João da Boa Vista, sendo aí um dos fundadores do Partido Republicano, transferindo-se, em 1881, para I tapira, onde estabelecido com farmacia, trabalhou na reorganização do Partido Republicano local. Retornando a Campinas, estabeleceu-se com farmacia, e passou a integrar o jornal "Diário de Campinas" ao lado de seus irmãos Antonio e dr. Alberto. Abolicionista e republicano, após a proclamação da República foi nomeado para o 1º Conselho de Intendentes de Campinas. Em 1896 seu nome foi o mais votado na constituição da chapa de vereadores para a gestão de 1896-1898. Foi intendente municipal, cargo equivalente ao de Prefeito, de 11-09-1897 a 07-01-1899, em substituição do dr. Vieira Bueno. Entre os assinalados serviços prestados pelo major Joaquim Ulysses nessa ocasião, destaca-se o da humanitária campanha, desenvolvida ao lado do dr. Thomaz Alves, nas epidemias da febre amarela de 1889, 1890 e 1891. Como Intendente moveu tenaz campanha contra os mosquitos, cuidando ainda do saneamento de diversos bairros. Foi sob sua administração, que foi demolida a Cadeia Velha, que se erguia onde hoje se encontra o monumento à Carlos Gomes. Por ocasião da epidemia de 1889, fundou com o bispo D. João Nery, a Associação dos Pobres. Com a queda do P.R.P. volta à imprensa, dirigindo com José Villagelin Junior o "Correio de Campinas" e realizando ambos, brilhantes e memoráveis campanhas. Em 1908, foi nomeado secretário do Ginásio do Estado, ocupando, por diversas vezes, o cargo de diretor interino do estabelecimento. Era irmão da Irmandade do Santíssimo, diretor da Santa Casa e um dos fundadores do Hospital "Irmãos Penteado". Foi casado com Exodina Sarmento com quem teve 12 filhos.



LEI N.º 1346, DE 14 DE SETEMBRO DE 1955

Dá o nome de "Joaquim Ulysses Sarmento" a uma rua da cidade

A Câmara Municipal decreta e eu, Prefeito do Município de Campinas, promulgo a seguinte Lei:

Artigo 1.º — Fica denominada "JOAQUIM ULYSSES SARMENTO" a rua 4 do Jardim Aurélio e que tem início na rua 5 e termina na Avenida 1.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 14 de setembro de 1955.

(a.) — *A. MENDONÇA DE BARROS*, Prefeito Municipal.

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 14 de setembro de 1955.

O Diretor (a.) — *Admar Maia*.



JOAQUIM ULISSES SARMENTO (major)

Nasceu em Mogi-Mirim no dia 22 de novembro de 1860 e faleceu em Campinas a 28 de setembro de 1938.

Sobre o major Joaquim Ulisses Sarmento, diz o "Correio Popular" do dia 29-9-1938, quando faz seu necrológico:

"Major Joaquim Ulysses Sarmento - Causou profundo pesar em toda a cidade, a noticia do fallecimento do major Joaquim Ulysses Sarmento, occorrido na madrugada de hontem, no apartamento n.º 18 da Santa Casa de Misericórdia desta cidade.

Lastima a cidade o desaparecimento de um dos seus mais illustres filhos, cujos serviços repetidos e valiosos vêm, desde 1896, caracterizados sempre por um acendrado bairrismo. A actividade politica do major Ulysses Sarmento iniciou-se em 1896, quando seu nome foi o mais votado na constituição da chapa de vereadores no triennio 1896-1898. Foi intendente municipal, cargo equivalente ao de Prefeito, de 11 de setembro de 1897 a 7 de janeiro de 1899, quando na presidencia do Estado, o dr. Prudente de Moraes. Entre os mais assignalados serviços prestados pelo major Joaquim Ulysses Sarmento a sua terra natal, destaca-se o da humanitaria campanha, ao lado de Thomaz Alves, nas epidemias de 89, 90 e 91.

Como intendente municipal, o illustre varão agiu sempre com largo discernimento administrativo, tomando iniciativas de alto interesse para o progresso do municipio. Moveu uma campanha tenaz contra os mosquitos, causa das terriveis epidemias que constantemente assolavam Campinas, mandando fechar a cocheira da Cia. Carris de Ferro e cuidando ainda do saneamento de varios bairros citadinos.

Durante sua administração, foi demolida a Cadeia Velha, que se erigia no mesmo local onde se encontra hoje o monumento-tumulo de Carlos Jones.

O JORNALISTA

O major Joaquim Ulysses Sarmento militou tambem na imprensa, ao lado dos seus irmaos, dr. Alberto Sarmento e Antonio Sarmento, no "Diario de Campinas". Espirito combativo, batalhou em favor da Lei Aurea. Junto de

Cam

Campos Salles, Antonio Lobo, Bento Quirino, Glycerio e de outros vultos, teve attitudes desassombreadas na politica. Foi vereador, delegado de policia, sendo ainda socio fundador de varias instituicoes de caridade, entre as quizes o Asylo de Invalidos.

Na sua passagem pela imprensa, e justo salienter a sua brilhante e memoravel campanha ao lado de Jose Villagelin Junior, em 1906, contra o "Trust" da carne verde, que vinha prejudicando seriamente os interesses do povo.

Por occasiao da epidemia, em 1889, fundou com o saudoso bispo D. Joao Nery, a Associação dos pobres, que prestou relevantes servicos a pobreza.

Exerceu por muitos annos em Campinas a profissao de pharmaceutico, e foi em 1908 nomeado secretario do Gymnasio do Estado, sendo, por diversas vezes, director interino desse estabelecimento.

Fez parte do directorio politico do extinto Partido Republicano Paulista, occupando quasi sempre o cargo de secretario geral dessa agremiacao partidaria, trabalhando ao lado de Thomaz Alves, Crozimbo Maia, Jose Bonifacio e outros.

Era irmao da Irmandade do Santissimo e director da Santa Casa de Misericordia, sendo ainda um dos fundadores do Hospital Irmãos Pentecostes.

Eis, em rapidas linhas, o que foi a vida do major Joaquim Ulysses Sarmento. Perde Campinas sua morte um filho illustre, bondoso e dedicado.

O fallecido contava 78 annos de idade e era viuvo de d. Exodina Sarmento, deixando desse consorcio os seguintes filhos: Vicentina, Cynira, Alice, Zaira, Julieta e Maria, e os fallecidos dr. Joaquim, Alberto, Heitor, Sylvio e Lucilla Sarmento. Deixa uma unica irma, d. Josephina Sarmento Barbosa, residente em S. Paulo, alem dos fallecidos dr. Alberto, dr. Luiz, dr. Cincinato, d. Maria Sarmento Rodrigues, deixando ainda muitos sobrinhos.

Dirante o dia de hontem foram innumeras as pessoas que afluiram a Santa Casa, affim de apresentar pesanca a familia enlutada e velar o corpo, como ultima homenagem.

A's 17 horas, realizou-se o enterro, com avultado acompanhamento, notando-se pessoas de destaque de nosso mundo official. O feretro, apes a encerrada na Cathedral, pelo conego Amoral, foi conduzido ao cemiterio

da Saudade e sepultado no jazigo da família, quadra 1ª sepultura 19ª.

No dia 16 de abril de 1950 a Associação Campineira de Imprensa, inaugurou em sua Galeria da Saudade, retratos dos jornalistas, Antonio, Joaquim Ulysses, Alberto e Alberto Ulysses Sarmento, pretando assim significativa homenagem aos antigos jornalistas desta cidade. No ato da inauguração falaram os Srs. dr. Pelágio Lobo e João Rodrigues Serra e em nome da família o professor Vilagelim Neto.

Do discurso proferido pelo Dr. Pelágio Lobo, publicado no "Correio Popular", em 1950, refere-se ao Major Joaquim Ulysses Sarmento o seguinte trecho:

"Falamos agora do outro Sarmento, Joaquim Ulysses.

Nascido em Mogi-Mirim em 22 de novembro de 1860, dez anos depois de Antonio e quatro antes de Alberto, este Sarmento que era farmacêutico, consagrou períodos ativos da mocidade na predicação republicana. De Mogi passou para São João da Boa Vista e ali foi um dos fundadores do Partido Republicano, ao lado de Francisco Osório de Oliveira, José Procopio de Azevedo, Valeriano de Souza, Joaquim José de Oliveira e outros valentes legionários do credo novo; transferiu-se depois para Itapira, em 1881; com sua farmácia e seu proselitismo, e ali trabalhou na reorganização do Partido com Alfredo Azevedo, Matias e Francisco de Assis Cintra. Nas tropelias ali cometidas por escravocratas em 1888, enfrentou a horda dos assaltantes, que eram poderosos da terra e, com perigo de vida, fustigou-os severamente pela imprensa. Retornou depois a Campinas e entrou a empregar as fileiras dos que trabalhavam no jornal do irmão Antonio. A Farmácia era o seu ganha-pão. Como, entretanto, pelo velho dito, "não só de pão vive o homem", empregava a atividade em duas propagandas paralelas: a da fórmula de um seu xerôpe, que era "tiro e queda" para fosse comprida - na farmácia, e a abolicionista e republicana, no jornal. Proclamada a República, foi nomeado para o 1º Conselho de Intendentes presidido por Antonio Lobo, juntamente com o dr. Tomas Alves, José Pereira Bueno, Luis de Fontes Barbosa, Cristiano Mohrath, Antonio Francisco de Andrade Couto, Joaquim de Fontes, Antonio

Q. Ulysses

Lapa, A. B. de Castro Mendes e Merculano Pompeo. Foi a época da segunda epidemia de febre amarela, quando exercer um cargo público municipal, era arriscar a vida a cada instante. Mais tarde ocupou a Intendência na Câmara de 96-98, substituindo o dr. Vieira Bueno; com a queda política de Glycerio, foi para baixo, com o chefe do P.R.P. Durante certo período, pela atração da vida de jornal dirigiu com José Vilagelin o "Correio de Campinas". No "Correio" permaneceu até que a folha foi adquirida pelo grupo em que entraram, como redatores, Alberto Faria, Benedito Otavio, Laurival de Queiroz e, na gerencia, Clóvis Egídio. Tendo vendido a farmacia, assumiu o cargo de secretário do Ginásio do Estado de Campinas, sem jamais deixar de prestar serviços ao seu partido, o P.R.P., de cujo diretório fez parte e à Municipalidade, a que serviu como prefeito durante vários períodos. Os trabalhos de interesse público encontraram sempre em Joaquim Ulysses um servidor puro e desinteressado. Na imprensa, ao tempo em que dirigiu o "Correio de Campinas", com José Vilagelin confirmou as qualidades que já revelara no "Diário", no qual trabalhou com assiduidade. Isento das preocupações anti-clericais que foram as de Antonio Sarmento e de Henrique Barcelos, Joaquim Ulysses punha de banda essas investidas que tanto apaixonam e desmorteam, e só assumia posição de combate quando estava em jogo interesses do Município. Guardava, porém, nessas embates, a dignidade de atitudes que em vários ensaios demonstrou, podendo podendo tantas vezes, cruzar armas após as escaramuças, sem converter o adversário, vencido ou vencedor, em inimigo pessoal como consequência de desabridos doestos. Não recorria ao desafio e à inventiva insolente, como foi de molde em muitos dos embates daquela época. Seria oportuno, mesmo recordar o que Joaquim Ulysses escreveu no "Correio de Campinas", de 10 outubro de 1905, quando foi da morte do dr. Vieira Bueno que, no fim de governo de Prudente de Moraes, acompanhara o grupo adversário ao glicerismo enfrentando os Sarmentos no "Diário" e os Lobos e Alberto Faria na "Cidade". A operativa acentua a elegância profissional desses antigos homens de jornal que tanto lustre deram à imprensa campineira. Lembrou ele que certo dia, Vieira Bueno varou pela redação e foi direito à sua mesa:

- "Então, você ainda está muito ligado comigo?"



- "Eu? Não, doutor não há razão..."

- "Pois eu aqui venho para fazermos as pazes. Você, na Câmara e no "Diário", eu, na Câmara e no "Correio", lutamos: V. Fez o que pôde e eu não fiquei atrás. Você venceu, mas eu fui reeleito. Eu apanhei e dei, você também apanhou e deu. - estamos pagos. Venha de lá um abraço e está tudo acabado".

Um final desse estilo nunca seria possível entre homens que, no aceso de uma refrega, se deixandasses, com insultos aceros e palavreado ao estilo corrosivo que procurava em Camilo Castelo Branco, Silva Finto e Alexandre de Conceição os modelos lusos de então, na arte de xingar, modelos que, depois fixaram escola entre muitos dos nossos plumitivos, da Capital e do Interior.

O "Major", como nós o tratavamos familiarmente, no fim de sua vida, circunscrita aos encargos da secretaria do Ginásio e aos de algumas instituições de caridade, como a Santa Casa, só de tanto em tanto fornecia aos jornais, por intermédio de algum velho amigo, sua colaboração com sugestões judiciosas. E, em quarto particular do Hospital "Irmãos Fenteado" bela instalação que remeçou o aspecto das velhas enfermarias da Santa Casa e obra para a qual ele valiosamente contribuiu, faleceu em 28 de setembro de 1938.

O acervo de serviços prestados a Campinas e a causa democratica em tantos embates e através de tantos contra tempos, assegura ao nome de Joaquim Ulysses Sarmento um posto de benemerencia entre os homens que fizeram do jornal instrumento de serviço publico, prestado com dignidade e ilibadã.

Cam

DIARIO DO POVO

CAMPINAS, SABADO, 13 DE AGOSTO DE 1955



HOMENAGEM A MEMORIA DO MAJOR JOAQUIM
ULISSES SARMENTO

O vereador dr. Pedro de Magalhães Junior apresentou projecto de lei à Câmara, mandando dar a vias publicas de Campinas, os nomes do major Joaquim Ulisses Sarmento e de São Manuel.

Cam



Joaquim Ulysses Sarmiento

Joaquim Ulysses Sarmiento nasceu em Mogi Mirim em 22 de novembro de 1881. De Mogi passou para São João da Boa Vista e ali foi um dos fundadores do Partido Republicano, no lado de Francisco Gomes de Oliveira, José Proença de Azevedo, Valeriano de Souza, Joaquim José de Oliveira e outros valentes legionários do credo novo. Transferiu-se depois para Itapira, em 1901, com sua farmácia e seu proselitismo, e ali trabalhou na reorganização do Partido com Alfredo Azevedo Mattias e Francisco de Assis Cintra.

Nas tropélias ali cometidas por escravocratas em 1908, enfrentou a borda dos assaltantes, que eram pedregosos da terra e, com perigo de vida, fustigou-os severamente pela imprensa.

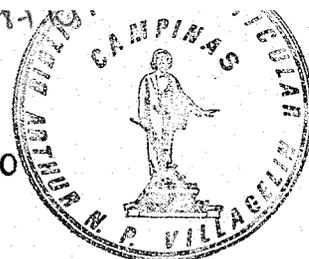
Retornou depois a Campinas e entrou a engrossar as fileiras dos que trabalhavam no jornal do seu irmão Antônio.

Farmacêutico, a farmácia era o seu ganha-pão. Como, entretanto, pelo velho dito, não se de pão vive o homem, empregava a ativida-

de em duas propagandas políticas, a da formação de um Xuxute, que era «tiro e queda» para fosse comprida, na farmácia, e a abolicionista e o republicana, no jornal. Proclamada a República, foi nomeado para o I.º Conselho de Intendentes presidido por Antônio Lobo, juntamente com o Dr. Tomás Alves, José Pereira Bueno, Luiz de Polite Barbosa, Cristiano Wehmann, Antônio Francisco de Andrade Couto, Joaquim de Pontes, Antônio Lapa, A. B. de Castro Mendes e Beneditino Pompeu. Foi a época da segunda epidemia de febre amarela, quando exerceu um cargo público municipal, era arrematar a vida a cada instante. Mais tarde, ocupou a Intendência na Câmara de 96 a 98, substituindo o dr. Vieira Bueno. Com a queda política de Glycerio foi para baixo, como chefe do PRP. Durante certo período, pela atração da vida de jornal dirigiu como José Villacelin o «Correio de Campinas». Nesse jornal permaneceu até que a folha foi adquirida pelo grupo em que entraram, como redatores, Alberto Faria, Benedito Otavio, Laurival de Queiroz, e na ge-

rença, Clóvis Bento. Tendo vendido a farmácia, assumiu o cargo de secretário do Conselho do Estado de Campinas, sem jamais deixar de prestar serviços ao seu partido, o P. R. P., de cuja diretoria fez parte e à Mambembade, a que serviu como prefeito durante vários períodos. Os trabalhos de interesse público concentraram sempre em Joaquim Ulysses Sarmiento um servidor pugnaz e desinteressado. Na imprensa, ao tempo em que dirigiu o «Correio de Campinas», com José Villacelin confirmou as qualidades que já revelara no «Diário», no qual trabalhou com assiduidade. Bento das preocupações anti-clericais que foram as de Antônio Sarmiento e de Henrique Barcelos. Joaquim Ulysses punha de banda essas novidades que tanto apaixonadamente despertavam, e só assumia posição de combate quando estavam em jogo interesses do Município.

Cam



Joaquim Ulysses Sarmento nasceu em Mogi Mirim em 22 de novembro de 1860. De Mogi Mirim passou para São João da Boa Vista e ali foi um dos fundadores do Partido Republicano, ao lado de Francisco Osorio de Oliveira, José Procópio de Azevedo, Valeriano de Souza, Joaquim José de Oliveira e outros valentes legionários do credo novo. Transferiu-se depois para Itapira, em 1881, com sua farmácia e seu proselitismo, e ali trabalhou na reorganização do Partido com Alfredo Azevedo Matias e Francisco de Assis Cintra.

Nas tropelias ali cometidas por escravocratas em 1888, enfrentou a horda dos assaltantes, que eram poderosos da terra e com perigo de vida, fustigou-os severamente pela imprensa.

Retornou depois a Campinas e entrou a engrossar as fileiras dos que trabalhavam no jornal do seu irmão Antonio.

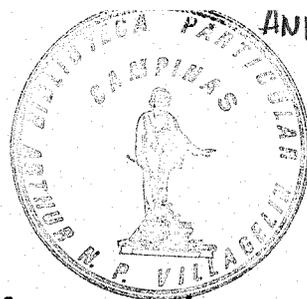
Farmacêutico, a farmácia era o seu ganha-pão. Como, entretanto, pelo velho dito, "não só de pão vive o homem", empregava a atividade em duas propagandas paralelas, a da fórmula de um xarope, que era "tiro e queda" para tosse comprida, na farmácia, e a abolicionista e a republicana, no jornal, Proclamada a República, foi nomeado para o 1º Conselho de Intendentes presidido por Antonio Lobo, juntamente com o dr. Tomaz Alves, José Pereira Bueno, Luiz de Ponte Barbosa, Cristiano Wohnrath, Antonio Francisco de Andrade Couto, Joaquim de Pontes, Antonio Lapa, A. B. de Castro Mendes e Herculano Pompeo. Foi a época da segunda epidemia de febre amarela, quando exercer um cargo público municipal era arriscar a vida a cada instante.

Mais tarde, ocupou a Intendência na Câmara de 96 a 98, substituindo o dr. Viera Bueno. Com a queda política de Glicério foi para baixo, como chefe do PRP. Durante certo período, pela atração da vida de jornal, dirigiu com José Villagelin Junior o "Correio de Campinas". Nesse jornal permaneceu até que a folha foi adquirida pelo grupo em que entraram como redatores Alberto Faria, Benedito Otávio, Laurival de Queiroz e na gerência Clovis Egidio.

Tendo vendido a farmácia, assumiu o cargo de secretário do Ginásio do Estado de Campinas (hoje, Colégio Estadual "Culto à Ciência"), sem jamais deixar de prestar serviços ao seu partido, o PRP, de cujo diretório fez parte e à Municipalidade, a que serviu como Prefeito durante vários períodos.

Os trabalhos de interesse público encontraram sempre em Joaquim Ulysses Sarmento um servidor pugnaz e desinteressado. Na imprensa, ao tempo em que dirigiu o "Correio de Campinas", com o

Rua Joaquim Ulysses Sarmiento



ANPVI 2587.11

Fls. 2

Villagelin Junior, confirmou as qualidades que já revelara no "Diário", no qual trabalhou com assiduidade. Isento das preocupações anti-clericais que foram as de Antonio Sarmiento e de Henrique de Barcelos, Joaquim Ulysses punha de lado essas investidas que tanto apixonante desporteiam, e só assumia posição de combate quando estavam em jogo interesses do Município.

(Extraído de fls. 13, do "Diário do Povo", de Campinas, de 13 de abril de 1958, "Edição Comemorativa do 1º Centenário da Imprensa Campineira")